

Cadeira nº 37 – Patrono



1894-1962

Helio Begliomini*

Manoel Dias de Abreu nasceu na cidade de São Paulo, em 4 de janeiro de 1894. Era o terceiro filho do casal Júlio Antunes de Abreu, português da província do Minho, e Mercedes da Rocha Dias, natural de Sorocaba (SP). Até o ano de 1908 viveu entre o Brasil e Portugal.

Realizou seus primeiros estudos nas escolas Americana e Hydecroft na capital paulista, e os preparatórios na Faculdade de Direito de São Paulo. Matriculou-se com apenas 15 anos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se diplomou aos 21 anos, em 23 de dezembro de 1913, com a tese intitulada **Natureza Pobre**, que tratava da interferência do clima tropical sobre a civilização, sendo possivelmente influenciado pela obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha.

Pouco depois viajou à Europa para aperfeiçoamento profissional, estando acompanhado dos pais; do irmão, Júlio Antunes de Abreu Júnior, e da irmã, Mercedes Dias de Abreu.

Com a I Guerra Mundial teve que ficar em Lisboa até mudar-se, em 1915, para Paris, onde permaneceu por 8 anos. Durante sua estada na capital francesa frequentou o *Hôtel-Dieu*, chefiado por Nicolas Augustin Gilbert (1858-1927), local onde despertou seu interesse pela radiologia, especialidade criada em 1895 pelo cientista alemão Wilhelm Conrad Röntgen (1845-1923). A convite de Nicolas Augustin Gilbert assumiu a chefia do laboratório central de radiologia desse hospital, substituindo Hyacinthe Guilleminot (1869-1922), que se afastara para servir na I Guerra Mundial.

Dedicou-se integralmente ao estudo e à prática da especialidade, apresentando pouco tempo depois uma comunicação na *Académie de Médecine de Paris* e na *Société Française de Radiologie*, intitulada “*La Densimetrie Pulmonair*”.

* Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob o patrono de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Frequentou também o serviço de Anatole Marie Émile Chauffard (1855-1932) no *Hôpital Saint Antoine*. Trabalhou no *Nouvel Hôpital de la Pitié* com Gaston Lion, sendo aí encarregado de fotografar peças cirúrgicas. Foi nessa ocasião que desenvolveu um dispositivo para fotografar a mucosa gástrica. Ainda em Paris foi assistente (1917-1918) do professor Maingot, chefe de radiologia do *Hôpital Laennec*, ocasião em que se aperfeiçoou na radiologia pulmonar e desenvolveu a densimetria – mensuração das diferentes densidades. Nesse mesmo hospital visualizou, pela primeira vez, na fotografia do *écran* fluorescente, o meio de realizar o exame do tórax em larga escala e a baixo custo para detectar a tuberculose pulmonar. Contudo, em decorrência de obstáculos técnicos, não pôde desenvolver essa ideia (“Abreugrafia”) em 1919.

Na década de 1920, Manoel de Abreu desenvolveu estudos sobre a formação da imagem, que resultaram na radiogeometria. Em 1921 publicou uma obra pioneira sobre a interpretação radiológica das lesões pulmonares chamada ***Le Radiodiagnostic dans la Tuberculose Pleuro-Pulmonaire***, com prefácio de Edouard Rist.

Ao retornar ao Brasil em 1922, deparou-se com uma epidemia de tuberculose no Rio de Janeiro e, em 1924, realizou uma segunda tentativa de obter a fotografia do *écran*, mas sem sucesso. Prosseguiu na luta contra a tuberculose e, por influência de José Plácido Barbosa da Silva, chefe da Inspetoria de Profilaxia contra a Tuberculose, criada em 1º de janeiro de 1921, foi instalado nesse estabelecimento o primeiro Serviço de Radiologia na cidade do Rio de Janeiro, com um dispensário destinado ao diagnóstico daquela doença.

Manoel de Abreu casou-se em São Paulo, em 7 de setembro de 1929, com Dulcie Evers.

Ao assumir a chefia do Serviço de Radiologia do Hospital Jesus, a pedido do médico e prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Pedro Ernesto do Rego Batista (1931-1934 e 1935-1936), buscou novamente criar a fluorografia em função da incidência de inúmeros casos de tuberculose entre as crianças radiografadas.

Em 1936, em decorrência dos aprimoramentos dos aparelhos fotográficos, Manoel de Abreu conseguiu obter a radiofotografia do *écran* fluorescente, o que representou o surgimento da “radiologia social” – o diagnóstico precoce das moléstias torácicas longamente sonhado. Nesse mesmo ano foi construído pelos técnicos da Casa Lohner S.A., o primeiro aparelho para a realização de exames em série na população, o qual foi instalado no Hospital Alemão do Rio de Janeiro, em maio daquele ano.

O método era muito sensível, com especificidade razoável, de baixo custo operacional e permitia a realização de um grande número de exames num curto espaço de tempo. O exame tinha por princípio a fotografia do *écran* ou tela fluorescente. A documentação era feita através de filme comum de 35 mm ou 70 mm. Manoel de Abreu sempre recomendava o filme de 35 mm que, embora de menor custo, exigia o uso de lentes de aumento especiais para a interpretação do exame.

Em março de 1937 foi instalado na Rua do Rezende, nº 128, um equipamento mais aperfeiçoado, e implantado o primeiro Serviço de Cadastro Torácico na cidade do Rio de Janeiro. Ali foram examinadas de 8 a 21 de julho daquele ano, 758 pessoas aparentemente sãs, das quais 44 apresentavam lesões pulmonares detectadas pela

fluorografia. Assim afirmava-se a utilidade da nova técnica, o que resultou na criação de outros Serviços de Recenseamento Torácico, como os do Instituto Clemente Ferreira, do Hospital Municipal e do Instituto de Higiene, todos em São Paulo. A fluorografia foi também adotada como recurso na luta contra a tuberculose em outras cidades do Brasil, da América do Sul, dos Estados Unidos da América e da Europa. Esse novo método foi recebendo além de fuorografia, outras denominações como fotofluorografia, roentgenfotografia e radiofotografia. Manoel de Abreu adotou esta última denominação na apresentação de sua nota prévia, em julho de 1936, na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, sobre “Um Novo Método de Exame – A Radiofotografia”.

Em maio de 1939 foi proposto por Ary Miranda, presidente do 1º Congresso Nacional de Tuberculose, a utilização do nome “Abreugrafia” para identificar o método criado por Manoel Dias de Abreu. Posteriormente, em 1958, Ademar de Barros, então prefeito de São Paulo, determinou que as repartições públicas da Prefeitura adotassem o termo “Abreugrafia” e instituiu o dia 4 de janeiro, data de nascimento de Manoel de Abreu, como o “Dia da Abreugrafia”.

O exame foi utilizado no rastreamento da tuberculose e doenças ocupacionais pulmonares, difundindo-se rapidamente pelo mundo graças ao seu baixo custo operacional e alta eficiência técnica. Unidades móveis foram desenvolvidas e utilizadas em todo mundo. Fora da América do Sul a denominação do exame era variável: *mass radiography* e *miniature chest radiograph* na Inglaterra e Estados Unidos da América; *roentgenfluorografia* na Alemanha; *radiofotografia* na França; *schermografia* na Itália; *fotorradioscopia* na Espanha; e *fotofluorografia* na Suécia.

Tal era a aprovação e o entusiasmo pelo método à época que, somente na Alemanha, até o ano de 1938, o número de exames realizados pelo professor Holfelder já ultrapassava a 500 mil.

Manoel de Abreu publicou diversos artigos sobre sua técnica em periódicos nacionais e internacionais como “*Collective Fluorography*” no *Radiology*, e “*Processus and Apparatus for Roentgenphotography*” no *The American Journal of Roentgenology and Radium Therapy* (AJR), ambos em 1939.

Objetivando a uma melhor avaliação de imagens suspeitas obtidas com a abreugrafia, Manoel de Abreu propôs a utilização da tomografia e, para eliminar os inconvenientes da demora e do alto custo do estudo tomográfico – corte a corte de uma área do tórax – criou a técnica das tomografias simultâneas, que consistia na realização de vários cortes simultâneos em uma só exposição, por meio do emprego de vários filmes superpostos. Ainda buscando diminuir o número de casos sem diagnóstico baciloscópico, apresentou a pesquisa do bacilo de Koch no lavado pulmonar ou lavado traqueobroncoalveolar, sendo o primeiro lavado realizado em 17 de agosto de 1944, no Hospital São Sebastião, no Rio de Janeiro.

Manoel de Abreu foi o primeiro presidente (1930) da Sociedade Brasileira de Radiologia e Eletrologia, tendo ocupado este cargo também em outras ocasiões (1932 e 1944), entidade que fora fundada por um grupo de radiologistas no seio da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1929. Ocupou, ainda, a presidência (1940-1941) da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e da Sociedade Brasileira de Tuberculose.

Realizou inúmeras conferências médicas no Brasil, Argentina, Uruguai, Estados Unidos da América, França, Alemanha, Itália e Suécia, e foi membro de mais de 43 associações médicas e acadêmicas, brasileiras e estrangeiras. Recebeu o título de membro honorário da Sociedade Alemã de Radiologia (1940) e do *American College of Radiology* (1945).

Foi agraciado com várias homenagens honorárias como a medalha Cardoso Fontes da Sociedade Brasileira de Tuberculose; a medalha de ouro – Médico do Ano – do *American College of Chest Physicians* (1950); o diploma de Honra ao Mérito Médico da *Academy of Tuberculosis Physicians* (1950); a medalha de ouro do Colégio Inter-Americano de Radiologia (Peru, 1958); a de cavaleiro da Legião de Honra da França; a da Associação Argentina de Radiologia; a Clemente Ferreira; a Grão-Cruz da Ordem do Mérito Médico no Brasil; e a do Valor Cívico do Governo do Estado de São Paulo.

A importância da obra de Manoel de Abreu também levou à criação da Sociedade Brasileira de Abreugrafia em 1957 e à publicação da Revista Brasileira de Abreugrafia.

Nas últimas décadas do século XX, a manutenção precária dos equipamentos brasileiros – o que facilitava o excesso de exposição à radiação ionizante – e as diretrizes de proteção radiológica cada vez mais rigorosas, acabaram limitando a utilização do seu método em diversos países. Entretanto, a radiologia brasileira já havia dado uma importante e histórica contribuição à medicina mundial.

Outros trabalhos e livros de Manoel de Abreu são: “*Essai sur une Nouvelle Radiologie Vasculaire*” (1926); “*Radiographie Néphro-Cholécystique*” (1930); “*Poumon et Médiastin*” (1930); “Diâmetros do Coração Visto de Face” (1931); “Radioquimografia Cardiovascular” (1935); “Avaliação Quimográfica do Trabalho Cardíaco”; (1938); “Recenseamento Torácico pela Roentgenfotografia” (1938); ***Bases de L’Interprétation Radiologique – Radiogeometrie*** (Paris, 1954); “*La Densimetrie Pulmonair*” (s.d.).

Manoel Abreu publicou, ainda, trabalhos em diversos periódicos científicos estrangeiros no *Fortschritte Auf Dem Gebiete Der Rontgenstrahlen* e no *Journal de Radiologie et Electrologie*.

Foi também escritor e autor de diversos ensaios filosóficos, tais como: **Não Ser** (1924); **Meditações** (1936); **Mensagem Etérea** (1945) e obras poéticas como **Substância** (1928), ilustrada por Di Cavalcanti, e **Poemas sem Realidade**, que ele mesmo ilustrou.

Manoel Dias de Abreu destacou-se por sua valiosa contribuição à profilaxia da tuberculose; revolucionou os métodos da pesquisa radiológica (fotografia do *écran* fluoroscópio, hoje conhecido como abreugrafia); criou e aperfeiçoou vários aparelhos e métodos de exames (o meroscópio, a tomografia simultânea, a tomografia vibratória); e traçou novos caminhos para a radiografia pulmonar (princípios da radiogeometria e a quimografia), do coração e do mediastino.

Ao lado de Carlos Chagas, Vital Brazil, Osvaldo Cruz dentre outros, Manuel Dias de Abreu está entre os grandes vultos da medicina brasileira. Recebeu pelo menos

cinco indicações para o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, embora, infelizmente, nunca tenha conseguido essa merecida láurea.

Faleceu em decorrência de um câncer de pulmão aos 68 anos, na Casa de Saúde São Sebastião, na cidade do Rio de Janeiro, em 30 de janeiro de 1962, tendo sido enterrado na cidade de São Paulo.

Em 16 de abril de 1964, pouco mais de dois anos após a sua morte, foi eleito Patrono da Cadeira nº 84 da Academia Nacional de Medicina.

.